UMA LEITURA FILOSÓFICA DO FENÔMENO DA DEPRESSÃO PELA PERSPECTIVA EXISTENCIALISTA DE SARTRE

Leandro de Sousa Alecrim[1]

Suderlan Tozo Binda[2]

RESUMO

A partir da proposta de ler a depressão através da perspectiva existencialista de Sartre, é importante: entender a depressão, sua história e efeitos no homem; discutir a questão existencial do homem a relacionando com a teoria de Sartre; e compreender o vazio existencial e analisar a depressão pelo existencialismo. Utilizando-se do método dedutivo, que parte de afirmações gerais que serão discutidas perante fatos mais precisos, encontra-se no presente trabalho, diversas afirmações que levam a concluir que alguns aspectos da depressão estão entrelaçados com a existência humana, tanto quanto ao surgimento, permanência e superação da doença. Ao realizar sua leitura, enfatizando-se pontos como a liberdade e o vazio existencial também presentes nas obras de Sartre, conclui-se que referida leitura pode apresentar um caminho de possibilidades para a compreensão e tratamento da doença do século.

Palavras-chave: Existencialismo. Sartre. Depressão. Vazio existencial. Liberdade.

ABSTRACT

From the proposal to read depression through Sartre's existentialist perspective, it is important to: understand depression, its history and effects on man; discuss the existential question of man relating it to Sartre's theory; understand the existential void and analyze depression through existentialism. Using the deductive method, which starts from general statements that will be discussed before more precise facts, there are several statements in the present project that lead to the conclusion that some aspects of depression are intertwined with human existence, as far as the disease emergence, permanence and overcoming. When carrying out his reading, emphasizing points such as freedom and the existential emptiness also present in Sartre's works, it is concluded that this reading may present a path of possibilities for the understanding and treatment of the disease of the century.

Keywords: Existentialism. Sartre. Depression. Existential emptiness. Freedom.

---

[1] Graduando do Curso de Filosofia – Bacharelado do Centro Universitário Salesiano. E-mail: leosousa3599@gmail.com.

[2] Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Pós-graduado em Filosofia Clínica pela Faculdade Bagozzi e Mestre em Filosofia Sistemática pela Pontificia Universitas Gregoriana -Roma. E-mail: sbinda@salesiano.br.

1. INTRODUÇÃO

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2018), até 2020 a depressão seria a doença mais incapacitante do mundo. Não obstante, apenas em meados do século XIX os distúrbios mentais começaram a serem reconhecidos como doenças, sendo antes considerados como advindos de forças sobrenaturais. A desmistificação da depressão pela psicologia permitiu um grande avanço em seu diagnóstico e tratamento, mas ainda hoje é um grande desafio para muitos (OLIVEIRA, V, 2015).

Diante disso, muitas pessoas, bem como as diferentes abordagens da psicologia, buscam formas de compreender e enfrentar este fenômeno. Os profissionais das variadas “psicologias” (TAVARES, 2010) versam ao uso de medicamentos e outras formas de tratamentos, mas é a questão existencial, reflexiva e indagadora relacionada a doença, que se aproxima ao tema do presente trabalho.

A reflexão sobre a existência humana é algo que sempre percorreu os caminhos da filosofia, tendo diversas ponderações que buscam, de certa forma, responder aos questionamentos ao seu respeito. Em Sartre, pode-se encontrar uma resposta para este drama como fim em si mesmo, pois, para o filósofo, a existência se torna o ponto de partida para a construção de um sentido a ela própria. Nascido em Paris em 1905, Jean-Paul Sartre é um grande nome da filosofia existencialista, movimento a partir do qual, o homem é relatado como sendo pura existência, não possuindo uma essência prévia (REALE; ANTISERI, 2018).

Uma leitura filosófica da depressão pode ser realizada a partir da análise de seus aspectos diagnosticados cientificamente através do ponto de vista filosófico, mais especificamente sartriano. Submetendo o existencialismo e a depressão a uma análise, percebe-se alguns pontos de intercruzamento, fatos que tangem a existência humana, como a liberdade, o sentido da vida e o vazio existencial. Assim, tomados pela perspectiva filosófica-existencial, é importante compreender como a reflexão filosófica pode promover uma melhor compreensão da depressão e até mesmo apresentar caminhos preventivos para uma possível superação.

Considerando-se o homem inserido em uma sociedade, difundido entre diferentes culturas, percebe-se nele uma grande mudança na forma de se relacionar com o mundo e consigo mesmo ao longo de sua história. É importante compreender como essa mudança influenciou e, ainda influencia, na contemporaneidade, o crescimento da doença do século. Percebe-se que diante da depressão, o homem, como sujeito que "está" no mundo e que precisa estabelecer seu "ser" no mundo, encontra uma doença que o torna incapaz.

Para responder a questão "Como o fenômeno da depressão pode ser discutida pela teoria existencialista de Sartre?" é importante esboçar certos objetivos. É necessário entender o fenômeno da depressão, tanto dentro da história, quanto na atualidade; relacionar a depressão com a existência humana e entender como Sartre compreende esta; depois, analisar o vazio existencial presente no homem e por fim, efetivar uma leitura da depressão a partir da filosofia de Sartre. Tudo isto se dará envolvendo temas como vazio de sentido e a liberdade.

Nascido em 1905 em Paris, Sartre (1978) apresenta a liberdade do homem de forma negativa, bem como apresenta-o como destituído de sentido. Mas para o filósofo, por meio da liberdade, o homem estabeleceria um sentido para sua vida. A mesma negativação do mundo se percebe na pessoa depressiva (AQUINO; DARÁ; SIMEÃO; 2016) e a doença parece ser um empecilho para este estabelecimento proposto por Sartre. A partir disso uma resposta será apresentada, tendo a própria liberdade como base.

O seguinte trabalho pretende levantar reflexões sobre a existência humana e, com isso, pode o ajudar a enfrentar alguns dilemas da contemporaneidade. Pretende também desenvolver material para as áreas da psicologia e da filosofia, pois o tema perpassa pelos dois campos. É utilizado o método dedutivo que "parte de princípios reconhecidos como verdadeiros e indiscutíveis e possibilita chegar a conclusões de maneira puramente formal, isto é, em virtude unicamente de sua lógica" Gil (2008, p.9). Bem como os métodos auxiliares, o comparativo e o histórico. E a partir da pesquisa bibliográfica, serão utilizadas obras de Sartre, bem como trabalhos acadêmicos sobre o existencialismo e a depressão.

2.1 DEPRESSÃO: O MAL DO HOMEM NO SÉC. XXI

2.1.1 A compreensão da depressão ao longo da história;

A doença conhecida como depressão nem sempre teve este nome e nem fora compreendida como é na atualidade. O termo foi utilizado pela primeira vez no ano de 1680 referente a um estado de desanimo ou perda de interesse (SOUZA; LACERDA, 2018). Antes, fora chamada de vários nomes, a depender do período histórico em que ocorria, entre eles Melancolia, já utilizada por Hipócrates no séc. V a.C como uma afecção sem febre em que o indivíduo permanecia triste e constantemente abatido (OLIVEIRA, V, 2015).

Antes do desenvolvimento da medicina e das ciências naturais, muitas doenças físicas e mentais eram atribuídas a fatores mágicos e sobrenaturais:

> As primeiras descrições de estados de alteração do humor podem ser encontradas nas escrituras bíblicas e na mitologia. A visão pré-socrática do homem, compartilhada de modo geral por gregos, hebreus, egípcios, babilônios e persas, compreendia o adoecimento físico e mental a partir de uma narrativa mítica e religiosa, atribuindo a uma entidade divina a etiologia de todos os males (SOUSA; LACERDA, 2018, p. 17).

Após o advento de Sócrates, com suas contribuições no âmbito racional voltado para o homem (MONDIN, 1980), o pensar humano passa, então, de uma compreensão mitológica para uma compreensão mais racional e, por conseguinte, mais científica.

O nome depressão e seu conceito vieram emergindo a partir do declínio de crenças religiosas, mitológicas e supersticiosas as quais eram atribuídas como sendo a origem de transtornos mentais (SOUZA; LACERDA, 2018). Mas este fato ocorreu em um longo processo que teve seu início na antiguidade com Hipócrates, considerado o pai da medicina: “Atribui-se a Hipócrates (Cós, 460 a.C.-370 a.C.) e seus seguidores a diferenciação entre medicina e filosofia, bem como a transição da explicação da doença centrada em termos sobrenaturais para termos científicos [...]” (SOUSA; LACERDA, 2018, p. 17).

Hipócrates foi quem apresentou a primeira classificação de transtornos mentais registrada na história, conceituando melancolia, mania e paranoia. “Ele afirmava que a bile negra em excesso ocasionava estados de tristeza e cansaço, ocasionando a falta de apetite e até o desejo de morte” (OLIVEIRA, V, 2015, p 5).

Segundo Souza e Lacerda (2018), este modo racionalista para explicar os transtornos mentais da antiguidade perdurou até o início da idade média. Com a queda do império romano e a ascensão do cristianismo, que marcaram o início da Idade Média (séc. V), as doenças mentais recaem sob um olhar diferente. As contribuições greco-romanas com a medicina e a ciência são abandonadas e substituídas por um pensamento pautado em uma divindade, levando a associação dos transtornos mentais à demonologia.

Dentro deste contexto em que a medicina dos gregos perde seu critério racional e torna-se por vezes pautada no sobrenatural, a melancolia vai sendo associada a outro conceito:

> O monge Ionnes Cassianus introduz o termo *acídia*, palavra de origem grega que significa "estado de descuido", para designar estados variados de apatia, preguiça, indolência, negligência e enfraquecimento, de modo que essa palavra pode ser considerada um termo medieval para a melancolia. (SOUSA; LACERDA, 2018, p. 17).

O que era entendido como melancolia, então, se torna um pecado sujeito a penitência imposta pela Igreja Católica. Este pensamento levou até mesmo a condenação à morte de doentes mentais na época da Inquisição da Igreja (OLIVEIRA, V, 2015), o que mostra como o teor sobrenatural deste tipo de doença, que havia começado a ser descartado na antiguidade, retornara na Idade Média. Sejam por associação a demonologia, seja pelo intelectualismo racional acerca dos transtornos mentais, a Inquisição condenava à morte e isto fez com que as contribuições científicas da antiguidade encontrassem seu lugar no mundo Árabe e assim, fossem conservadas (SOUZA; LACERDA, 2018).

Segundo Souza e Lacerda (2018), ao findar da Idade Média, com o surgimento do Renascimento e a emersão da Idade Moderna, a melancolia deixa de ser postulada pela religiosidade e passa a ter uma visão humanista, tendo como ponto de partida a biologia, a filosofia e a psicologia. A forte influência do iluminismo na ciência moderna traz uma grande transformação para o modo como a medicina do tempo era vista e, consequentemente, os transtornos mentais.

Um nome que se destaca é Benjamin Rush (1745-1813), que trouxe uma melhor definição do que viria a ser chamada depressão:

> Homem pragmático e cientista empírico, Rush foi considerado o pai da psiquiatria norte-americana e dedicou seus estudos à retirada do

> caráter misterioso e supersticioso que revestia a doença mental até então, esforçando-se para colocar as doenças mentais no mesmo paradigma das doenças de outras especialidades médicas, atribuindo ao cérebro o substrato biológico dos transtornos mentais (SOUSA; LACERDA, 2018, p. 21-22).

Outro nome é Sigmund Freud (1856-1939), que contribuiu para a diferenciação dos estudos da saúde mental em psicanálise, que se concentrava nos fatores psicológicos, e a psiquiatria científica, que se concentrava em fatores neurobiológicos (SOUZA; LACERDA, 2018).

O maior crescimento da psiquiatria se deu a partir das guerras mundiais. Depois destes eventos o diagnóstico da depressão se expandiu pelo mundo, especialmente quando se tratava dos soldados que haviam passado pela experiência de guerra. A partir do momento em que estes soldados procuram ajuda psiquiátricas, a fim de tratar os transtornos mentais oriundos das guerras, e os tratamentos realizados com eles davam certo, houve a popularização da psiquiatria. Ela passou a expandir seu campo de atuação e saiu de asilos e hospitais (SOUZA; LACERDA, 2018).

Com a expansão da psiquiatria, houve o desenvolvimento da psicofarmacologia, que desenvolvia medicamentos para o tratamento das doenças mentais, entre elas, a depressão. Nas últimas décadas do séc. XX o avanço tecnológico permitiu a neurociência uma análise das estruturas moleculares do sistema nervoso, o que trouxe um outro olhar para as doenças mentais e melhoria na possibilidade de tratamento (SOUZA; LACERDA, 2018), corroborando para a atual quadro dos estudos das doenças mentais.

2.1.2 A depressão na sociedade contemporânea;

A atual conjuntura da sociedade possui grande influência na formação do sujeito, sendo considerado por Bauman como o período da história mais alienante do homem. O sistema econômico, a cultura que se molda no que é predito pelas mídias, a supervalorização da imagem que faz com o que o ser dê lugar ao parecer, formam o que foi chamado por Debórd como “sociedade do espetáculo”. Todo esse movimento em relação a formação e a imagem do sujeito, gera uma gama de pseudovalores e pseudonecessidades que se sobrepõem às necessidades reais do homem e cria uma falsificação da vida social (TAVARES, 2010).

Segundo Tavares (2010), no momento em que algumas pessoas não conseguem atingir a demanda imposta por este “cenário social”, elas adoecem; e é aqui que entra o que o autor chama de “mal-estar”, que é o sentimento de incompatibilidade gerado justamente desta relação entre o sujeito e as exigências do campo social e cultural que ele ocupa. Tavares (2010, n.p.) conclui que “A depressão, considerada aqui como uma das mais presentes formas de “mal-estar” contemporâneas, simbolicamente representa o fracasso do sujeito na participação da cultura do narcisismo e do espetáculo”.

O meio social influencia fortemente na construção do sujeito e como foi visto, pode ser um dos grandes impulsionadores de seu adoecimento mental. A depressão pode ser fruto, então, da tensão entre a forma de ser que a sociedade impõe sob o homem, especialmente em sua imagem social, e sua não bem-sucedida tentativa de se encaixar nesta forma; tudo isso em detrimento com suas reais necessidades (TAVARES, 2010). Mas segundo alguns autores atuais, a questão da depressão pode ter outros fundamentos mais arraigados no íntimo do ser humano.

A depressão, segundo Aquino, Dará e Simeão (2016, p.36):

> [...] é classificada como um transtorno do humor, de origem multifatorial, que se manifesta por meio de uma ampla sintomatologia, que inclui não apenas as alterações do humor, mas também se manifesta por meio de sintomas cognitivos (preocupações, dificuldade para tomar decisão, ideação suicida, padrões de pensamento relativos a culpa) e neurovegetativos (alteração no apetite, no sono, na libido).

E estes sintomas podem surgir no sujeito quando ele passar por uma situação de frustração diante de sua imagem social como foi dito, ou por outros motivos, bem como sem motivo definido. Beck, o pai da teoria Cognitivo-Comportamental, afirma que o sujeito depressivo possui uma vulnerabilidade cognitiva decorrente de suas experiências iniciais da vida que faz com que se forme esquemas disfuncionais e negativistas em sua mente, que influenciam em seu modo de ver a vida e seus eventos (AQUINO; DARÁ; SIMEÃO; 2016).

Freud traz uma teoria diferente de Beck, na qual postula a atuação do inconsciente no desenvolvimento da depressão (SOUZA; LACERDA, 2018). Também há a associação da depressão ao sistema nervoso e sua estrutura, como citado no tópico anterior, que afirma a relação entre as monoaminas e o cérebro como causadora dos sintomas da depressão. Todas elas dizem respeito a depressão e outras doenças mentais, podendo dar diferentes respostas à sua

origem, se contradizendo ou não entre si. Independente da origem, o estudo da depressão, neste artigo, tem o foco em seus sintomas e no seu desenvolvimento dentro da sociedade.

Com o decorrer do tempo e o avanço tecnológico, além dos tratamentos clínicos, que em suas várias formas produzem efeitos eficazes para com a depressão, na contemporaneidade, a psicofarmácia ganha seu destaque (OLIVEIRA, V, 2015). Embora a fé nestes medicamentos pode trazer sérios efeitos colaterais e até mesmo agravamento do estado depressivo (TAVARES, 2010), eles têm sido fortemente utilizados no tratamento da doença do século juntamente com as terapias em suas diversas formas.

2.2 O EXISTENCIALISMO E SARTRE;

2.2.1 A teoria existencialista;

A filosofia existencialista é uma vasta corrente que surge na Europa após a Primeira Guerra Mundial, seguindo pelo período entre guerras e se tornando mais famosa após a Segunda Guerra Mundial. Expressando uma Europa dilacerada física e moralmente pelas duas guerras, o existencialismo leva à reflexão a liberdade humana e outras questões. A teoria traz uma ideia de homem que se afasta inteiramente da ideia otimista das filosofias predominantes na Europa antes das guerras (REALE; ANTISERI, 2018).

Segundo Sartre (1978) há dois tipos de existencialismos: o existencialismo cristão, ao qual são adeptos pensadores como Jaspers e Gabriel Marcel, que alinham o pensamento cristão ao existencialismo, e o existencialismo ateu, que traz filósofos como Heidegger, Albert Camus e ele próprio (Jean-Paul Sartre). Ambos têm em comum o fato de admitir que a existência precede a essência. Um dos grandes expoentes do existencialismo é Martin Heidegger, que afirma que o homem é um ente que possui inúmeras possibilidades de ser e de buscar ser, o que ele vai chamar de estar-aí ou *Dasein* (REALE; ANTISERI, 2018).

O pensamento existencialista fora inaugurado por Søren Kierkegaard, que no século XIX afirma que a essência do homem é existir e que não há nada que o defina antes disso (LISBOA, 2016). Considerado um existencialista cristão, a partir dele, o existencialismo cresceu e foi difundido por vários pensadores com

diferentes visões, que segundo Chauí (2000, p. 64) “[...] definiu o humano ou o homem como “um ser para a morte”, isto é, um ser que sabe que termina e que precisa encontrar em si mesmo o sentido de sua existência.”

Albert Camus, existencialista ateu nascido em 1913 na Argélia, possui em sua filosofia existencialista alguns traços do existencialismo cristão, uma vez que vê em Kierkegaard um grande autor do grupo que ele vai chamar de “filósofos suicidas”. Entretanto Camus difunde uma filosofia marcada pelo contexto histórico da pós modernidade que conduz a uma fragmentação dos absolutos e a ascensão do niilismo. Neste sentido, sua filosofia se torna uma resposta para os homens que sobrepostos neste vazio do niilismo, não possuem mais um Deus ou um absoluto para lhes dar respostas (LINS, 2016).

Jean-Paul Sartre, nascido em Paris em 1905, escreveu diversos romances e obras que expressavam o existencialismo e seus pensamentos. Em sua obra “o existencialismo é um humanismo”, Sartre se defende de críticas de diversos grupos, explana sua teoria existencialista e traz uma ideia menos negativista do homem. Em outros romances como “O muro” e “A náusea”, ele relata personagens que vivem em um mundo vazio de sentido e que vivem as consequências de suas próprias escolhas em busca de dar um sentido ao mundo (REALE; ANTISERI, 2018).

2.2.2 A questão existencial do homem em Sartre;

Para Jean-Paul Sartre, “o homem é o Demiurgo do seu vir a ser” (REALE; ANTISERI, 2018, p. 473), ou seja, o homem é responsável por construir sua vida, sua essência. É neste sentido que o existencialismo diz que a existência precede a essência, ou seja, o homem existe, advindo do acaso sem nenhuma predefinição, e se constrói, se faz e forma a sua essência. Posterior a uma época em que o ateísmo ascendia, Deus está morto e, portanto, não há um Deus que é o artífice do homem e nem do mundo, mas o próprio homem, dentro de sua existência, que é artífice de si mesmo e dá sentido as coisas do mundo (SARTRE, 1978).

Na obra “O Existencialismo é um Humanismo” (SARTRE, 1978), o filósofo destaca que o homem não possui uma natureza humana e nem um Deus que o defina. Em primeira instancia o homem existe, encontra a si mesmo, o mundo e

apenas posteriormente se define. Esta é a condição em que o homem se encontra para Sartre: “[...] não há nada que possa determiná-lo: é o próprio homem que se determina, fazendo-se, projetando-se, construindo, por assim dizer, a sua essência” (ROVIGHI, 2015).

As escolhas do homem o fazem e ele não nasce pronto. O homem ao fazer sua escolha está sempre escolhendo a si, escolhendo o que é melhor para ele. Não em um sentido individualista, mas ao fazer uma escolha para si, o homem está escolhendo para os outros homens também.

> Ao afirmarmos que o homem se escolhe a si mesmo, queremos dizer que cada um de nós se escolhe, mas queremos dizer também que, escolhendo-se, ele escolhe todos os homens. De fato, não há um único de nossos atos que, criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser. Escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, pois não podemos nunca escolher o mal; o que escolhemos é sempre o bem e nada pode ser bom para nós sem o ser para todos. Se, por outro lado, a existência precede a essência, e se nós queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem é válida para todos e para toda a nossa época. (SARTRE, 1978, p. 6-7)

O homem enquanto não determinado por nada, se torna livre para escolher. E estando diante de diversas possibilidades de escolha, Sartre diz que o homem é liberdade e não há nenhum valor ou nada que possa justificar suas escolhas. O filósofo apresenta o homem como condenado a ser livre, partindo do fato de que não criou a si mesmo, foi lançado no mundo, e não tem outra escolha a não ser escolher. E até mesmo quando se abstém de escolher algo, está escolhendo não escolher, e isso já é qualificado como uma escolha (SARTRE, 1978).

A partir de Sartre (1978), tem-se que para o existencialismo o homem nada mais é do que seu projeto, só existe a medida em que se faz e é o conjunto de seus atos e escolhas. Ao afirmar isso, o filósofo nega toda esperança e sonhos que circundam a vida do homem alegando que isso só traz negatividade para sua vida, uma vez que essas coisas podem não acontecer. Mas é o próprio homem quem deve empreender, se organizar e buscar a realização das coisas em sua vida. O homem é, então, esse conjunto de escolhas, empreendimentos e relações que, lançado no mundo, está condenado a fazer escolhas em um mundo sem sentido predeterminado.

2.2.3 Conceitos de Angústia, Desamparo e desespero em Sartre

O dicionário Houaiss (2001) traz o conceito de angústia como sendo uma sensação de aflição, inquietação com respeito a algo ou alguém. Este sentimento também está constantemente presente na vida do homem. Para Sartre (1978), ele está associado à responsabilidade que o homem tem de escolher entre várias opções, sabendo que esta escolha além de ser para si é também para toda a humanidade. No momento em que o homem toma consciência de sua liberdade, e de que nenhuma de suas escolhas será determinada por algo ou alguém a não ser ele próprio, neste momento, surge a angústia. E nenhum homem poderá fugir dela.

O desamparo para Sartre se apoia na inexistência de Deus. E mesmo que Deus exista, ele é, para o existencialista, uma hipótese inútil. O desamparo está no fato de o homem estar sozinho, não encontra nem dentro dele e nem fora dele nenhuma referência em que se amparar ao tomar uma decisão. O existencialista pensa que o homem nunca encontrará um sinal divino, algo que o orientará na vida ou o levará a tomar uma decisão, pois mesmo aceitando qualquer sinal, antes, ele já escolheu interpretar tal sinal a partir de sua própria subjetividade. O homem carrega então, toda a responsabilidade da decifração e escolha em sua vida, o que revela que o desamparo caminha ao lado da angústia (SARTRE, 1978).

O desespero é um simples conceito que está ligado às possibilidades das ações do homem. O termo significa que o homem só pode contar com o que depende de sua própria vontade e ainda com o conjunto de probabilidades que tornam a sua ação possível. As ações que o homem toma estão sempre inseridas dentro de um universo de possibilidades e se elas estão fora do alcance das ações, elas devem ser abandonadas e ele não deve ficar à mercê de uma esperança apoiada no transcendente ou na sorte (SARTRE, 1978).

2.3 O FENÔMENO DA DEPRESSÃO PELA PERSPECTIVA EXISTENCIALISTA SARTRIANA

2.3.1 O vazio existencial como constituinte do homem;

Muitas pessoas se queixam do chamado vazio existencial. Definido por Viktor Frankl como sendo um sentimento de falta de sentido na vida, como um vácuo interior, é um dos motivos que levam as pessoas a procurarem um atendimento

psicológico (Frankl, 2011). Segundo Simili, o vazio existencial é “como um sentimento específico que se apresenta no ser humano quando se encontra sem rumo interior e sem identidade, falta-lhe aquele “Eu sou Eu” (2016, p. 05).

Segundo Frankl (2011), o ser humano significa ser em face de um sentido, ou seja, enquanto vive o homem se encontra entre a realidade concreta e os ideais a serem materializados. Quando não se tem ou se perde este sentido e esses ideais, o vazio interior se estabelece no sujeito. Apesar de diferenciar-se de Sartre quanto ao princípio desde sentido, pois para Frankl o sentido é encontrado pelo homem, enquanto para Sartre o homem se dá um sentido, ambos concordam que o sentido é o que dá ao homem valores e motivos pelos quais viver e empenhar suas ações.

Pichler (2016), diferentemente de Frankl, afirma que o vazio existencial é algo intrínseco ao homem e nenhum homem pode escapar do mesmo. O autor acredita que este vazio dá ao homem a sensação de que sempre há algo a fazer e faz do homem um sujeito que nunca estará totalmente satisfeito, mas sempre buscará se realizar. Pichler assegura que isto acontece devido a inteligência e capacidade de consciência do homem, que o leva a ter consciência de seu vazio interior. Sua linha de pensamento tem relação com a ideia de Sartre de que o homem está sempre em construção, e justamente por isso, nunca cessará sua busca por um sentido.

Inerente ao homem, como afirma Pichler, ou causado como afirma Frankl, o vazio existencial tem crescido nas pessoas na contemporaneidade e os dois autores acordam com o motivo. Segundo Pichler (2016, p. 388):

> Nas sociedades tradicionais, o vazio existencial era “preenchido”, pelo menos em parte, com mais solidez, pelo convívio familiar e comunitário; pela vivência dos valores e pela identificação com o tempo divino, natural e humano; pela expectativa do desconhecido e pelo mistério do universo micro e macro. Além destes, a imbricação ontológica com o fenômeno religioso religava o homem com o ser superior, consigo mesmo e com o mundo, ao sobrenatural e transcendental. E essa ligação dava mais sentido à imanência, ao existir, seja em forma de auto realização seja em forma de alienação.

Por muito tempo o homem viveu uma vida baseada em valores objetivos, que o levavam a valorizar ações mais espirituais, como o cultivo destes valores, a reflexão, oração e meditação (Pichler, 2016). Isso por que havia algo que dizia ao homem o que fazer e, seja este algo uma religião, uma tradição ou uma

convenção, isso corroborava com o fato de ter valores a seguir (FRANKL, 2011). Hoje muitas destas coisas se perderam e o homem se encontra desamparado, no sentido sartriano da palavra. Frankl ainda acrescenta que, ao contrário dos homens, os animais têm o instinto que os diz o que fazer.

Todos os processos advindos ao longo do desenvolvimento da humanidade, a começar propriamente na modernidade, embora com vários apontamentos já traçados na Idade Média, levaram à perca desta ideia de que o homem tem um fundamento a partir do qual se constrói. E com essa perca, o homem começa a perder a noção de *ser*. Com o desenvolvimento das ciências, as revoluções industriais, a laicização do Estado e dos valores em geral, principalmente o enaltecimento do valor econômico e da autonomia do indivíduo na modernidade, o homem migra da dimensão do ser para a dimensão do ter, da esfera material (PICHLER, 2016).

Em uma tentativa de preencher sua existência, o homem se ampara em coisas efêmeras, como o consumismo (SIMILI, 2016) e o prazer, principalmente atrelado à sexualidade (FRANKL, 2011), sendo a busca por eles de forma exagerada e como fim em si mesmos. Mas quando o homem age buscando o próprio bem-estar e felicidade, mas sem ter um sentido que promove aquela ação, ele faz despontar em si mesmo o vácuo existencial.

Na atual conjuntura sociocultural, vem crescendo a busca por preencher este vazio existencial através daquilo que é material. Alimentado pela cultura, pela mídia e o que dita a moda, o homem busca cada vez mais o que o afasta mais de si mesmo. Cada vez mais consumista, o homem não tem valor pelo o que é, mas sim pelo que tem, ou pelo menos pelo que parece ter (SIMILI, 2016). Surge então a cultura da representação, ou sociedade do espetáculo, como já citado. Observando-se a situação de hoje e olhando a história do homem percebe-se que “[...] a ruptura e a passagem do ser à representação gerou a crise de sentido da existência humana [...]” (PICHLER, 2016, p. 389).

Tudo, objetos e pessoas, se torna algo que possui um lucro e as relações interpessoais passa a se basear no interesse, se tornando cada vez mais supérfluas e baseadas no valor de troca (SIMILI, 2016). Transformadas em mercadorias, as relações humanas também se tornam agravantes do vazio existencial. E o vazio torna a pessoa menos capaz de mudar essa realidade, pois

segundo Frankl (2011), ao sentimento do vazio existencial, surgem o tédio e a apatia. O tédio seria a incapacidade de se interessar por algo e a apatia seria a incapacidade de tomar iniciativa para algo.

2.3.2 O vazio existencial como definição do homem em Sartre

Como visto, a falta de um sentido na vida e/ou uma base que dê ao homem a possibilidade de se fazer, ou dizendo de forma mais direta, a falta de valores em que se apoiar leva a acentuação do vazio existencial. Sartre (1978) afirma que o homem não possui um sentido prévio que o defina, mas deve construir este sentido em sua vida, se fazendo a partir de suas escolhas. Mas isso pode parecer possível na teoria, mas na prática observa-se uma grande dificuldade do homem em encontrar este sentido. Pelo contrário, o homem parece cada vez mais tender a buscar coisas efêmeras que não dão sentido a sua vida (SIMILI, 2016).

A partir desta constatação, nota-se que os valores que antes faziam os homens se aterem à busca de um sentido da vida, ou seja, que de certa forma faziam o homem buscar fazer as coisas com o objetivo de estabelecer seu ser (PICHLER, 2016), parecem ter se perdido ao longo da história. A falta de valores, mais apropriadamente dizendo, o vazio de valores e de sentido dentro da existência humana, é chamado por Nietzsche de *niilismo.* A modernidade, em seus vários caminhos, e a contemporaneidade, em seu ainda desenvolver, foram dando ao homem a característica de nada, vazio de sentido e de valores. Nietzsche afirmava que os valores eram apenas trajes a serem julgados de acordo com a medida das exigências de quem os veste (ROVIGHI, 1999).

Isto posto, o homem vazio de sentido e de valores é um retrato que muito é mostrado nos personagens de algumas obras de Sartre. Em sua obra “O muro” (2017), o personagem que narra a história, Pablo Ibbieta, se vê condenado a morte juntamente com outros prisioneiros. E constatando que chegara ao final de sua vida, percebe que a vida carece de sentido. Ele se torna apático e indiferente diante de todos os sentimentos e coisas, deixando até mesmo de se incomodar com o frio congelante da cela onde se encontrava aguardando a morte.

> No estado em que me achava, se viessem me avisar que eu poderia voltar tranquilamente para casa, que a minha vida estava salva, eu ficaria indiferente: algumas horas ou alguns anos de espera dão na mesma, quando se perdeu a ilusão de ser eterno. Não ligava mais para nada (SARTRE, 2017, p. 23-24).

Também na mesma obra, em uma outra novela intitulada “Erostrato”, o personagem principal, Paul Hilbert, sente asco em relação ao ser humano e seus valores são tão baseados no nada, que ele resolve matar uma pessoa e não vê nem um motivo que o faça não realizar tal fato. Friamente ele calcula todos seus passos e vai a rua para escolher aleatoriamente alguém que possa receber o tiro. No final, em meio a gargalhadas, ele se entrega como o atirador.

É possível observar que as obras ficcionais de Sartre demonstram um sentimento vazio e de nada diante da existência humana. Seus personagens parecem a todo tempo esbarrarem na existência humana e tropeçarem no vazio que a compõe. O porquê da existência sempre se ergue diante da fatualidade da vida e não se obtém uma resposta, mas sim uma proposta na qual se lançar. A filosofia sartriana é assumida pelos personagens como aqueles que estão em construção, que se acercam da busca de estabelecerem de alguma forma seu ser.

Em sua obra literária “A Náusea” (2016), Sartre posiciona seu personagem em um caminho de descoberta da questão existencial. Sendo seu primeiro romance publicado, o livro é escrito em forma de diário e conta a história de Antoine Roquentin, que se encontra em um momento conturbado de sua vida. O personagem vai relatando diversos fatos que acontecem em seu entorno e ele se vê em uma relação diferente com eles. Roquentin começa a não reconhecer as pessoas e até mesmo com os objetos, o personagem se vê em uma relação estranha: “em minhas mãos, por exemplo, há algo de novo, uma determinada maneira de segurar meu cachimbo ou meu garfo. Ou então é o garfo que tem agora uma determinada maneira de ser segurado, não sei.” (SARTRE, 2016, p. 15).

Mas o que marca o personagem é o sentimento que tem diante de todas as mudanças. Não consegue nem mesmo se reconhecer no espelho. Ao se encarar, se pergunta se conhece aquele rosto, se aquilo que vê é o que sempre vira. E junto a toda esta estranheza, em relação ao mundo e a si mesmo, alinha-se um sentimento que ele relata ser adocicado, uma náusea, uma leve tontura

que subitamente vem e se coloca no lugar de todas as sensações (SARTRE, 2016).

Mergulhado em um tédio enorme, para o personagem a vida não tem mais sentido e tudo ao seu redor o deixa enjoado. A náusea se apossa dele e tudo com o que ele se relaciona o traz de volta a este sentimento pacato. Até aquele momento, o que definira o sentido da vida de Roquentin eram as aventuras. O que o movia era a vivência da vida no acontecer do momento e isto, subitamente, se esvai com o vento e dá lugar ao tédio e ao vazio.

> O que fazia ali? Por que falava com aquelas pessoas? Por que estava vestido de maneira tão estranha? Minha paixão morrera. Durante anos, ela me submergira e me arrastara; agora, me sentia vazio. Mas isso não era o pior: diante de mim, instalada como uma espécie de indolência, havia uma ideia volumosa e insípida. Não sei bem o que era, mas não podia encará-la de tal modo que me repugnava. (SARTRE, 2016, p. 17).

A única coisa que aliviava o sentimento nauseante, era a canção *Rendez-vous des Cheminots*, que surtia nele o que parecia um efeito de o fazer viajar para outro lugar e por um tempo a náusea desaparecia. A náusea sempre aparecia diante da contingência das coisas, e é o que ele percebe: o essencial é a contingência. Ou seja, náusea pode ser tomada como um asco diante das coisas ao se perceber a sua gratuidade, sua não necessidade no mundo (SARTRE, 2016). Segundo Schneider (2006), o que está em questão no romance é o projeto de ser de Roquentin, suas perturbações psicológicas e respostas ligadas a este projeto. O espírito aventureiro tornou-o preso a momentaneidade e o fez perder a identidade de si e a razão de sua existência. Ele experimentava um vazio na vida.

Diante desta situação, o escritor do diário busca dar sentido a sua existência através de seu trabalho, mas não obtém sucesso. Depois busca um antigo amor, a única mulher que já amou um dia, com o mesmo objetivo, mas também não encontra o sentido nela. Quando mais uma vez procura aliviar-se de tal tédio na música, ele se dá conta que a música em questão tinha a função de justificar a existência da cantora, ou seja, era aquilo o sentido da vida dela. Percebe então que precisa dar um sentido a sua vida, e decide fazer isto através de um livro. Decide escrever um romance de aventura e subitamente sua vida ganha sentido novamente, quando encontra algo pelo o qual ser (SARTRE, 2016).

O personagem de “A Náusea” percebe que nada ou ninguém iria dizer ou determinar o que fazer de sua vida para dar sentido. Nada iria definir o seu ser, mas sim ele próprio. “A definição de si próprio depende de seu movimento no mundo, do que ele deseja realizar. Está, pois, livre e só” (SCHNEIDER, 2006, p. 57). Observa-se que o personagem em questão, Roquentin, é vazio de sentido (até que ele mesmo dê o sentido a sua existência). Fato observável também em Pablo Ibbieta na obra “O muro” que se entrega a total indiferença diante do vazio existencial e Paul Hilbert em “Erostrato” que faz uso de sua liberdade de ser de uma forma banalizada. Ambos dão sentido a suas vidas, embora de formas bem peculiares. Aqui parece se encontrar a centralidade dos personagens de Sartre. Se sentem vazios de sentido, percebem que a vida é vazia de sentido, e diante disto, tomam certa decisão.

2.3.3 A depressão e a questão existencial do Homem;

Considerando-se o vazio existencial como um dos sintomas da depressão, percebe-se que uma grande quantidade de pessoas desenvolve outros sintomas depressivos tendo o vazio de sentido como fator partidário ou de impulso. A medida em que o homem foi perdendo a noção de ser, em detrimento do ter, aumentou-se o número de queixas com relação a este “mal-estar”, que na contemporaneidade atingiu seu ápice (TAVARES, 2010). A filosofia caminhou neste mesmo processo de transformação e enquanto o homem era reduzido à conceitos científicos e a posses, ela se reduziu a pura análise da linguagem. Mas a questão antropológica que percorre toda história da filosofia não é dissolvida neste reducionismo e tão pouco é respondida satisfatoriamente. A pergunta *o que é o homem* ainda ecoa em várias exposições filosóficas e parece nunca abandonar o próprio homem que sempre questiona a si mesmo (VAZ, 1993).

Lima Vaz (1993), ao expor sua teoria em busca de responder à questão antropológica, apresenta o homem no estado de *ser-no-mundo* e não somente como *estar-no-mundo.* Ou seja, a natureza do homem o permite *ser* um sujeito ativo no mundo, o transformando e agindo nele, e não um sujeito passivo que *está* sujeito a natureza. O que o autor pontua, é que para se responder à pergunta “o que é o homem?”, é necessário recuperar uma ideia unificada do

homem. Todo reducionismo e todo multifaceteamento resultante das diversas ciências que se especializam em estudar os aspectos do ser humano de forma separada e isolada, contribuem de forma negativa para o alcance desta resposta.

Logo, todos os processos que o homem esteve envolvido com o avançar da modernidade, além de retirar toda base em que ele se apoiava para a construção do seu ser (PICHLER, 2016), também obscurece ao próprio homem sua identidade. Isso ocorre porque o homem se perde nas definições de si mesmo apresentadas objetivamente a ele e não consegue estabelecer seu ser por conta própria. E sem um Deus ou uma religião ou uma tradição qualquer que o estabeleça para ele, o homem cai no vazio existencial (OLIVEIRA, C, 2015).

O homem que se perde na elaboração e efetivação do seu ser-no-mundo, acaba não sendo o sujeito de sua própria vida, muitas vezes sustentada na comparação com outros ou na aparência de posse, e como já foi ressaltado, isto faz brotar uma frustração no homem que se encontra na tensão entre aquilo que deveria ser e aquilo que parece ser (TAVARES, 2010).

Contrapondo tudo isso, Segundo Schneider (2006), Sartre vem dizer que o homem deve se tornar o sujeito de sua própria vida. Realização esta, que ocorre com as escolhas do homem em sua existência. O homem é aquilo que escolhe, e se o mesmo não tem ciência de sua responsabilidade nas escolhas como estabelecedoras de seu próprio si, ele se torna como Roquentin, que vivendo apenas de momentos se perdeu de si e do mundo em determinado período (SARTRE, 2016).

E aqui se dá o primeiro ponto em que se lê a depressão pela perspectiva sartriana: o personagem principal de sua obra “A Náusea”, Antoine Roquentin e seu vazio existencial. Segundo Schneider (2006), nesta obra, Sartre quer expor uma psicologia existencial, uma vez que ele transcreve os impasses psicológicos do homem e demonstra como lidar com eles, sendo o homem o estabelecedor do projeto de seu ser.

Roquentin se vê envolto em diversos sentimentos que envolvem o tédio, a indiferença, a apatia, a angústia, o vazio, a falta de sentido, a falta de interesse e de prazer nas coisas e a náusea (SARTRE, 2016). Alguns destes sentimentos, segundo Aquino, Dará e Simeão (2016), são sintomas da depressão. “Podemos

notar que as queixas de Antoine, desde o início de seu diário, encaixam-se perfeitamente nas queixas que os pacientes trazem para o processo terapêutico", afirma Schneider (2006).

Diante disto, pode-se especular que o personagem em questão apresentou sintomas de uma possível depressão, o que se válida pelo fato de que um dos aspectos relevantes para a compreensão da depressão é justamente a sensação de falta de sentido na vida ou de vazio existencial (AQUINO; DARÁ; SIMEÃO; 2016). Ora, em toda a obra, o personagem se vê imerso principalmente nestes dois sintomas.

Mas tudo toma outra perspectiva quando Antoine Roquentin chega à conclusão de que, embora sua vida não tenha sentido, ele deve estabelecer um para si e então, ele encontra sentido em algo novo, um projeto novo, um "eu" novo (SARTRE, 2016). É neste momento que ele começa a superar toda a situação angustiante na qual estava envolto. Todo o processo de compreensão do vazio existencial que o personagem experimentava, bem como todos os sentimentos que o denunciava, e ainda a superação de tal fato, pode ser lido como um processo terapêutico (SCHNEIDER, 2006).

De fato, durante a obra, toda a psicologia existencial de Sartre parece acompanhar o personagem para no fim dar a ele a compreensão de como lidar com a vida (SCHNEIDER, 2006). Ao se questionar "o que fazer de seu ser", Roquentin descobre que o que precisa acontecer é ele se tornar o sujeito de sua própria vida e a conduzir. A náusea diante das coisas, revelando a gratuidade, somente o mostrava que nada havia de significativo no mundo a não ser o significado que o próprio homem dá ao mundo. Logo, ele deveria também dar um significado para sua vida e a isto se propõe (SARTRE, 2016).

Schneider (2006) vem dizer que justamente esta é a tarefa de uma psicoterapia,

> [...] a de colocar o ser da pessoa em suas próprias mãos, o que o viabilizará como sujeito. Qualquer processo psicoterapêutico só vai encontrar solução na medida em que possibilitar ao paciente converter-se em sujeito de sua própria história, de seu ser, para assim adquirir condições de se tornar um sujeito social íntegro, ciente de também ser sujeito da história social, de ser um cidadão. Esse deve ser o caminho da clínica: viabilizar o homem enquanto sujeito (p. 59).

Ao que parece, o vazio existencial pode exercer um papel positivo ajudando o sujeito a recompor o seu ser diante do mundo, uma vez que ao experimentar

este vazio, ele irá dar novo sentido a sua existência. Contudo, segundo Aquino, Dará e Simeão (2016) estas questões existenciais podem também gerar o surgimento de sintomas depressivos e a dúvida quanto ao sentido da vida pode deixar o homem vulnerável psiquicamente e passível do estabelecimento de um quadro depressivo.

O que complica ainda mais a situação é quando diante da questão existencial se encontra uma pessoa passível de desenvolver ou já acometida pela depressão. Uma pessoa depressiva tem dificuldade de estabelecer um sentido em sua vida, pois compreende a vida de forma diferente: a enxerga pelas lentes da depressão, o que foi chamado por Beck como “distorção cognitiva” (AQUINO; DARÁ; SIMEÃO; 2016). “De forma geral, o paciente depressivo interpreta negativamente os eventos, pressupondo resultados desfavoráveis (distorções cognitivas) (AQUINO; DARÁ; SIMEÃO; 2016, p. 36)”.

Com isso, se cabe ainda questionar: como o sujeito depressivo, que já percebe o mundo de forma depressiva, irá ter força de vontade para estabelecer seu ser no mundo e dar a ele um sentido. E, considerando-se a pessoa que se encontra em um vazio existencial se torna doente e consequentemente sua força de vontade diminui (AQUINO; DARÁ; SIMEÃO; 2016), chega-se a uma dialética onde a pessoa depressiva tem dificuldade de dar um sentido a sua vida e a pessoa sem um sentido na vida se torna cada vez mais passível de adoecer. Dentro deste impasse se encontra pessoas depressivas, e pode-se dizer também o homem dentro da filosofia sartriana.

Ao olhar para depressão pela perspectiva existencial de Sartre, vê-se um homem largado no mundo e suscetível a desenvolver sintomas depressivos, considerando-se que o filósofo afirma que a vida do homem não tem sentido, mas ele precisa dar a ela tal sentido, baseando-se naquilo que é: liberdade (SARTRE, 1978). Mas a dificuldade de realizar tal fato é inerente ao homem contemporâneo (OLIVEIRA, C, 2015).

O fato de a depressão ser considerada por muitos como o grande mal do século XXI (OLIVEIRA, V, 2015), tem como princípio o próprio homem contemporâneo, e como já visto, a perda de sua identidade como o estabelecedor de seu ser no mundo. Logo, ao que parece, Sartre apresenta em sua teoria filosófica um retrato

do homem de sua época: um homem vazio de sentido lançado ao nada (sem tradições, sem uma divindade, sem valores a priori). O homem que jogado na sociedade contemporânea, se deixa levar pela sua fluidez e constante mudança (TAVARES, 2010). E justamente a este homem, que pode ser também o retrato de um homem depressivo, o filósofo deu uma solução prática já exposta e que será mais bem trabalhada a seguir.

Antes de concluir, se faz necessário analisar outro aspecto da filosofia sartriana pelo qual pode-se analisar o homem depressivo: a questão da liberdade. Mais especificamente o homem definido como liberdade por Sartre.

Para Sartre, o homem é liberdade. E isso implica toda uma responsabilidade diante das escolhas que deve fazer em sua vida. Sartre vai dizer que o homem deve tomar uma decisão sabendo que aquela decisão ele a faz em nome de toda humanidade. E como já foi pontuado, esta escolha consiste também na escolha de seu próprio eu. Com isso, a responsabilidade da escolha torna-se algo angustiante para homem, pois debruçado sob o peso da importância de suas escolhas, ele se pergunta: como saber se esta decisão é a correta? (SARTRE, 1978).

Não existe, segundo Sartre, uma escolha correta. Todas são escolhas e todas incluem consequências que irão se realizar na vida do sujeito. Até mesmo a negação das escolhas se torna uma escolha com suas consequências. E é justamente aí que se encontra o desamparo: não há em que se embasar para tomar uma decisão a não ser a si mesmo. E diante disso, o homem encontra o desespero. Ou seja, diante do fato de ter que escolher, o homem encontra angústia, desamparo e desespero (SARTRE, 1978).

Por isso o filósofo vai dizer que o homem está condenado a ser livre. O existencialista traz a liberdade como algo negativo, como um peso para o homem que jogado no mundo não tem espaço para fuga da escolha (SARTRE, 1978). O mesmo peso para com a liberdade é algo presente nas pessoas na sociedade contemporânea, segundo Tavares. Numa sociedade de aparências na qual o homem se encontra sem referenciais, o capitalismo e o avanço tecnológico acarretaram ao homem uma ideia de liberdade individual plena. Com isso, sem referenciais sólidos para conduzir o homem em suas escolhas, ele é acometido por uma grande insegurança diante da liberdade. Ser livre, então, se torna um

fardo, pois toda responsabilidade de suas escolhas é inteiramente do homem (TAVARES, 2010).

A liberdade ilimitada, considerando-se o homem diante dela e o enfrentamento que ele realiza ao tentar estabelecer o seu *ser* diante de uma sociedade do *ter* e do *parecer ser*, é um dos causadores do mal-estar contemporâneo. Ao mal-estar referido na obra, e já conceituado acima, se inclui a depressão: “A depressão, considerada aqui como uma das mais presentes formas de “mal-estar” contemporâneas, simbolicamente representa o fracasso do sujeito na participação da cultura [...]” (TAVARES, 2010, n.p).

Logo, percebe-se que o fato de ter que escolher se torna algo penoso tanto em um sentido mais generalizado (diante do mundo) (TAVARES, 2010) tanto em um sentido mais individual (diante de sua própria existência) (SARTRE, 1978). Sendo um dos sintomas da depressão, a dificuldade de tomar decisões está também entrelaçada ao peso da liberdade, especialmente para quem tem a doença. Ou seja, a liberdade é um peso ao homem sartriano, ao sujeito imerso na contemporaneidade e a pessoa depressiva. Mas ao mesmo tempo, é o que pode tornar o fardo leve.

Embora Sartre apresente a liberdade como a condenação do homem, dando a mesma um aspecto negativo, o filosofo também a apresenta como a solução para o vazio existencial de Roquentin em “A náusea” (SARTRE, 2016). Ainda, é a mesma que possibilita o homem se realizar e ser o sujeito de sua própria existência (SHNEIDER, 2006). É a liberdade que possibilita ao homem se fazer, construir-se ao longo da vida, fazer escolhas que podem beneficiar o mundo e a si mesmo e, de forma geral, delinear sua essência, pois a existência (liberdade) precede a essência (SARTRE, 1978).

A mesma liberdade possibilita uma pessoa depressiva, dentro de um procedimento clínico de psicoterapia, estabelecer seu ser no mundo e dar um sentido a sua existência, de forma a tratar a doença (SHNEIDER, 2006). O homem depressivo, tomando-se aqui seu aspecto mais existencial, tem a liberdade como um fardo, uma dificuldade e um sintoma incapacitante, mas ao mesmo tempo é a partir dela que ele poderá superar ou não a depressão. É a partir da escolha, da possibilidade de se fazer, transcendendo sua situação

(aspectos depressivos), que o homem consegue se superar e dar um sentido a sua vida.

É claro que muitos casos que são tidos como depressivos num estágio leve, se referem mais a momentos de altos e baixos da existência humana, como momentos de angústias, do que propriamente a doença em si (TAVARES, 2010). Mas como já abordado, estes mesmos momentos de altos e baixos, se não forem bem resolvidos, podem tornar o ser humano vulnerável e possibilitar o desenvolvimento da doença (AQUINO; DARÁ; SIMEÃO; 2016). Então a liberdade se torna um fator importante de possibilidade da realização do homem, bem como para o estabelecedor de seu ser de forma efetiva e autêntica, mesmo se tratando de casos mais leves da doença.

Diante disso, o homem (depressivo ou não) cujo sentido da vida foi perdido como na história de Roquentin (SARTRE, 2016) tem a possibilidade de se recompor a partir da condição que lhe é constituinte, segundo Sartre (1978): a liberdade. O homem se dá um sentido na vida para se orientar e ser o norte de sua vida, a partir do qual ele irá tomar suas decisões. Mas as configurações da sociedade atual são como pedras no caminho da construção pessoal, o que faz com o que o homem se perca (TAVARES, 2010). Mas a responsabilidade de reverter tal situação cabe ao próprio homem, que sendo liberdade, pode ser o protagonista de sua própria existência. E é essa a possibilidade que Sartre apresenta em sua teoria.

3. Considerações finais

Como proposto no tema do presente texto, a leitura filosófica do fenômeno da depressão pela perspectiva sartriana foi realizada. Todo um trajeto se fez necessário, a fim de compreender a doença da depressão ao longo da história do homem, bem como a teoria existencialista, especificamente a corrente sartriana. Foi bem ressaltada a questão existencial do homem, apontando seus desdobramentos e sua associação com a doença da depressão. Percebe-se uma ligação entre a incapacidade do homem de dar respostas a sua existência e o sujeito depressivo, até mesmo com o desenvolvimento da doença. Foi estabelecido e compreendido o caminho que levou o homem contemporâneo a

estar constantemente em um estado de vazio existencial e como isso acarretou o crescimento da doença.

Ao perceber o cenário contemporâneo e seu desenvolvimento filosófico e social, compreendeu-se a depressão como o mal do homem no séc. XXI, a partir do vazio existencial e da perda de identidade do homem como o estabelecedor e responsável pelo seu *ser-no-mundo*. E é aí que a depressão se encontra com a existência humana.

Sartre compreende a existência humana a definindo como possibilidade, liberdade e projeto. O homem não é, mas ele vai se fazendo enquanto lançado no mundo. De certa forma, esta liberdade requer uma responsabilidade do homem diante das ações, e isso se torna um peso para ele. E justamente este peso que o filósofo vai chamar de angústia. O peso da liberdade se torna um desafio veemente para alguns, dificultando o ato de escolher. E este é justamente um dos aspectos da depressão: a dificuldade de tomar decisões.

Ademais, o homem se mostra atualmente sem referenciais através dos quais se orientar. Sem muitas vezes conseguir estabelecer um sentido para sua própria vida neste mundo tão fluído, o homem acaba por se ver solto, com uma falsa ideia de liberdade plena, e acaba por não estabelecer um sentido a si mesmo. E é aqui que se encontra o vazio existencial: a existência sem sentido. As configurações da contemporaneidade levam o homem a não compreender que é o próprio estabelecedor do sentido de sua vida, o construtor de seu ser, e isso pode causar ou ser sintoma da depressão. A liberdade, todavia, vista negativamente por Sartre como sendo a condenação do homem, é justamente o que possibilita o homem mudar este cenário.

Desde modo, se confirma que Sartre apresenta o homem de forma negativa sendo vazio de um sentido e condenado a escolher. O sujeito acometido pela depressão também se sente vazio de sentido e vê o ter que escolher como um peso. De fato, Beck diz que a pessoa depressiva olha o mundo de forma negativa devido a doença. Entretanto, conclui-se que o poder de escolha do homem é justamente o que o pode fazê-lo dar sentido a sua vida e, em partes, até mesmo ajudá-lo a superar a depressão. Ou seja, a liberdade pode transformar o vazio existencial em uma completa realização existencial do homem.

A partir de artigos, livros, pesquisas e trabalhos acadêmicos em geral, foi possível compreender bem a depressão e a teoria de Sartre. Após um levante

histórico tanto da depressão, quanto da compreensão da existência humana, se desenvolve as comparações, análises e leituras filosóficas propostas, tirando-se uma conclusão lógica. Percebe-se que o caminho para a construção de um tratamento para a depressão é proposto pelo existencialista Sartre em sua obra “A Náusea”, quando o autor principal percebe que sua existência terá sentido quando ele mesmo o estabelecer.

Diante disso, muitas reflexões ainda poderiam ser desenvolvidas para melhor se compreender o desdobramento da depressão dentro da sociedade contemporânea. Poder-se-ia aprofundar na questão da sociedade de aparências e do desenvolvimento econômico que muito mexe com as questões de insegurança e frustração do homem diante de sua existência. A questão do sentido da vida, que parece apresentar um caminho para a fuga do vazio existencial, poderia ser mais bem desenvolvido e associado às terapias clínicas. Enfim, no meio intelectual filosófico e psicológico, o homem pode ser mais bem definido como aquele que define seu ser e dá sentido à sua vida, e a partir disso, associar este fato a compreensão e superação da doença do século.

REFERENCIAS

ANTISERI, Dario; REALE, Giovanni; **Filosofia:** idade contemporânea. Vol. 3. 2. ed. Paulus: São Paulo, 2018.

AQUINO, T. A. A.; DARÁ, D. M. B.; SIMEÃO, S. S. S. **Depressão, percepção ontológica do tempo e sentido da vida.** Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, João Pessoa, 12, 1, pp.35-41, 2016.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2000.

FRANKL, E. Victor. **A vontade de sentido:** fundamentos e aplicações da logoterapia. Trad: Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

SIMILI, Elizabeti C. P. F. **O VAZIO EXISTENCIAL NA SOCIEDADE CONSUMISTA CONTEMPORÂNEA**: uma revisão teórica. FAEF Revistas Científicas Eletrônicas, 27ª edição, 2016.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
LINS, Rafael de Castro. Albert Camus: da angústia ao suicídio filosófico. **Ciências da Religião**: história e sociedade, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 35-55. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/8357> Acesso em: 09 jun. 2020.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LISBOA, Camila Pereira. Introdução ao existencialismo: perspectivas literárias. **International journal of philosophy.** Paraíba, v. 7 n. 2 (2016). P 254-267. Disponível em: < https://periodicos.ufpb.br/index.php/problemata/issue/view/1858> Acesso em: 09 jun. 2020.

MARKONI, M. A.; LAKATOS E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MONDIN, B. **O homem, quem é ele?** Elementos de Antropologia Filosófica. Trad. R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. 10. ed. São Paulo, Paulus, 1980.

OLIVEIRA, Cláuda Maria Rocha de. **À sombra da ruptura:** niilismo ético e filosofia na era das incertezas. Sapere Aude - Belo Horizonte, v. 6 – n. 12, p. 816-831, Jul./Dez. 2015.

OLIVEIRA, Victor José de. **Depressão:** o atual foco das especulações. 2015. 16 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências exatas) Instituto de Física de São Carlos- USP, São Paulo, 2015.

PICHLER, Nadir Antoni. **Vazio existencial:** um fundo sem fundo. Caminhos, Goiânia. v. 14, n. 2, p. 387-394, jul./dez. 2016.

ROVIGHI, Sofia Vanni. **História da filosofia contemporânea:** do século XIX à neoescolástica. Trad. Ana Pareschi Capovilla. 5. Ed. Edições Loyola: São Paulo, 2015.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo.** In: PESSANHA, José Américo Motta (Org.). **Sartre** (Coleção Os Pensadores)**.** Trad: Vergílio Ferreira, Luiz Roberto Salinas Fortes, Bento Prado Júnior. Abril cultura: São Paulo, 1978.

SARTRE, Jean-Paul. **A Náusea** (coleção clássicos para todos). Trad: Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **O Muro** (coleção clássicos para todos). Trad: H. Alcântara Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SCHNEIDER, Daniela Ribeiro. **A Náusea e a Psicologia Clínica:** interações entre Literatura e Filosofia em Sartre. Estudos e Pesquisas em Psicologia - UERJ, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 51 – 61, 2006.

SOUZA, T. R.; LACERDA, A. R. T.; **Depressão ao longo da história**. In: QUEVEDO, J.; SILVA, A. G. Artmed: 2018. P. 17-28.

TAVARES, Lat. A depressão como "mal-estar" contemporâneo: medicalização e (ex)-sistência do sujeito depressivo [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. Edição do Kindle.

VAZ, Henrique C. L. **Antropologia filosófica I.** São Paulo: Loyola, 1993.